

— A's vezes essa cegueira é que nos mata.

— Justamente. Hontem á noite nos salões do Conde S. Toledo a sua esposa festejou o seu anniversario. Estive presente...

— E Armando.

— Tambem.

— Já vejo que divertiu-se muito.

— Muito. Correu tudo muito animado. Toda fidalguia se fez representar pelo melhor de sua sociedade. O luxo era real, um luxo de principes inglezes.

A' hora do chá, Armando deu-me o braço e em vez de conduzir-me para o salão levou-me para o jardim que estava todo illuminado. Era uma ventura perigosa a nossa ausencia naquelle momento. Eu tremia de medo.

— E depois?

— Armando propoz-me a nossa fuga.

— Para onde? lhe disse eu.

— Para a minha casa; o padre e os padrinhos estão a nossa espera; nada receies, está tudo preparado, respondeu-me elle.

— E' o papae?

— Não tem nada; deixar-lhe-hei uma carta amanhã mesmo partiremos para Londres, como dois pombos fugidos.

— Accedi afinal; e o primeiro carro de praça que passava nos conduzia á moradia de Armando Cavallier.

Ahi levou-me elle para uma alcova.

Não havia ninguem na casa: tudo atemorizava-me.

— E o padre e os padrinhos? interroguei eu.

— Naturalmente retiraram-se com a nossa demora.

— E agora?

— Vou mandar chamal-os, disse Armando, dirigindo-se para os fundos da casa.

Mas tudo isso era uma farça.

Logo depois Armando apparecêra na alcova com um ar de louco, olhos brilhantes e labios tremulos.

— Mercêdes, Mercêdes disse elle, caindo de joelhos aos meus pés, beijando-me as mãos, implorando o meu amor e segurando-me pela cintura.

— Eu afastei-me, impellido-o para longe.

— E elle cada vez mais possesso de amor, envolvia-me nos seus braços que eram então terriveis serpentes se-

ductoras. Elle beijava-me toda com o seu amor brutal, o seu amor hediondo.

— Hediondo? disse Virginia.

— Nefasto! Nefasto!

— Porque tu não fugiste?

— As portas estavam fechadas.

— E então?

— O amor venceu!

OLYMPIA DE MENDONÇA.

Canto da roceira

Sou bem ditosa,
Pois que em meus lares
Não ha pezares,
Não ha tristor;
Sómente ha sonhos
D'amor, poesia,
Muita harmonia,
Sorrindo á flor.

Surgindo a aurora,
Criança arteira,
Qual mais ligeira,
Do que eu, não sei;
Por montes, campos,
Sem ter receio
Irei, eu creio,
Não tenho lei!

Não ha palacios
Na minha roça,
Mas nesta choça
Que Deus me deu,
Ha mais encantos,
Mais harmonia,
E mais poesia
Do que no céu!

Não tenho inveja
Dos diamantes,
Gentis brilhantes
Que as outras têm;
Pois cá na roça
Tenho eu fulgores,
E lá traidores
Ha mil tambem!

Sou bem ditosa
Pois em meus lares
Não ha pezares,
Não ha tristor;
Sómente ha sonhos
D'amor, poesia,
Muita harmonia,
Sorrindo á flor.

JULIETA MONTEIRO.

A confissão de um amor que se partilha, é um raio de luz que traz um novo dia a nossas idéas, um encanto desconhecido que se espalha sobre tudo que nos cerca; os objectos se transformam a nossos olhos, tornando-se mais risonhos e mais amáveis: em uma palavra, quando sabemos que somos amadas, vemos a cada instante a natureza embelezar-se ao redor de nós.

No boudoir

Foi ha muito tempo já.

Eu estava nesse marasmo de idéas em que o espirito alheio ao que se passa vae soudar o infinito, demandando uma luz nova, sequiosa dessa claridade que o abraça, sem poder explicar o amplexo tão prolongado é.

Meia adormecida, fletava essa cupula immensa que nos serve de tecto commum, onde, sob a pressão da phantasia, o azul que vemos não é formado pelas camadas do ar atmosphérico, mas sim por um véo natural recamado de estrellas que ornem o reposteiro do palacio onde tem seu throno Deus!

Ainda com a alma muito cheia, muito crente, eu sonhava com anjos e santos, e ouvi o murmurio da natureza e esse longo rumor trazido pelas ondas do mar, eu muito nova idealista, fazia a imaginação caminhar pelo mundo dos sonhos, acastellando o futuro.

Uma sombra querida, quasi etherea, prostou-se diante de mim e, com a susceptibilidade que possue meu coração virgem, eu, impressionada pelo choque de um sentimento novo que me embalava a alma, cerrei os olhos para vêr essa visão.... De repente, vejo uma sombra alva se approximar de mim, beijar-me. Estremeci... ergui-me, sentia uma chamma desconhecida circundarme... O espirito elevou-se.... o cerebro, como que avolumava... alguma cousa pois me impellia para dar expansão a um *quê* desconhecido.

O perpassar das brizas trouxe-me um ruido lento, monotono e triste.... Era a vóz do mar!

Inconsciente, apertei a fronte nas mãos; eu sentia elevarem-se o pensamento e o coração, de harmonia com idéas novas, desconhecidas.

Machinalmente sentei-me a escrever; ao terminar, fiquei surpresa!

Havia escripto uns versos longos cheios de sentimento, de tristeza e expontaniedade.

A virgem da poesia dera-me, o osculo da inspiração e a natureza e o amor, fizeram-me entrar no gremio d'esses loucos que escrevem o que sentem, sem jamais convencerem os profanos que seja verdade o que sentem porque o escrevem!...

IGNEZ SABINO DE PINHO MAIA.